



Cahiers du Cinéma

Nouvelle Vague

Cinema Novo

Cinema Noir

Hitchcock

Mojica X Zé Caixão

Buñuel

Festivais



BERNADET, Jean-Claude e REGIS, Francis Vogner. *O autor no cinema. A política dos autores: França, Brasil 1950 e 1960*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

Francis Vogner dos Reis

→ Jean-Claude falou que a política dos autores fomentava uma confusão: quando se tentava ensinar o cinema.

o ofício, o trabalho de uma arte coletiva.

X

Individualidade & Subjetividade.

Como Jean-Claude organizou o livro e o debate:

O ideal: um intervenção crítica

TRES EIXOS DE INTERVENÇÃO:

1- domínio francês – anos 1950

2 – domínio brasileiro – anos 1950 e 1960

3 – declínio do autor

Ele e J.C tem perspectivas diferentes sobre o tema. Ele pensa nas condições de existência do autor.

Jean-Claude Bernadet

Política dos autores: Privilegia a política – background totalmente engajado. A política já se encontra no título e supõe uma dada poética, ou de antemão definida.

Cahiers du cinéma → como cinema militante e do anti-humanismo francês.

Autor na crítica brasileira dos anos 60 – automatismo naturalizado (e idealizado) do termo por parte da crítica.

Motivação para realizar o livro:

Contemporâneos de seu tempo – e aos interlocutores conhecidos (os artistas, os intelectuais, os próprios alunos) ou desconhecidos (o público interessado e os estudantes).

Esta edição é o desdobramento da discussão. Para não se cristalizar o que foi escrito nos anos 80 como síntese canônica do pensamento brasileiro sobre o autor cinematográfico.

DEFINIÇÕES DE AUTOR

DICIONÁRIO: um pensamento e um estilo

Cahiers du cinéma – *La Politique des auteurs*. entrevistas reunidas em livro.

política dos autores. Nouvelle Vague e Bazin: Como é possível ser hitchcock-hawkasiano? 1955. Bazin não concordava com os jovens turcos.

1921: O cineasta Jean-EPSTEIN já fala em autor. Estilo como linguagem.

Para Marcel L`Herbier autor e realizador → aquele diante da câmera

Desvalorização do enredo. “Quando não se quer que a literatura macule o cinema, de que literatura se fala?”

Valorizar o “específico” cinematográfico: “valores plásticos, encenação, olhares, composição de quadros, uso de objetos, cortes, relação entre planos, etc, todo um instrumental que não está ao alcance da narrativa literária.”

Andrew Sarris – principal divulgador da ideia de autoria cinematográfica nos U.S.A. Três premissas precisam ser adotadas para uma pessoa ser considerada autor

1 – competência técnica

2 – forma do filme relacionada à do diretor

3 – significação interior.

autor como uma unidade - Unidade da obra: Bresson buscava enquanto Dreyer evitada

Felline: autor x comércio → esta é a imagem do diretor como uma marca - caricatura da unidade e da matriz

Chabrol: Nouvelle Vague – “Fomos promovidos como uma marca de sabonete”

Se há autor – Há obra

impasse:

Deserto Vermelho (1964) de Antonioni, é considerado pela crítica como um filme distinto de sua trajetória.

Fellini nunca fez questão da unidade.

Técnica somente interessa à política dos autores, quando a serviço de algo que a ultrapassa, sem o que não se justifica.

o autor virou Deus

Francis Vogner dos Reis

→ Concorda com Bernadet sobre os Cahiers du Cinéma

carta de Rossellini a Pontecorvo. Não é um texto da política dos autores que faz a defesa ou exaltação de algum cineasta autor, mas que problematiza a responsabilidade do diretor pelas imagens que realiza. “Mostrar certas coisas e, ao mesmo tempo e pela mesma operação, mostrá-las por um certo viés; esses dois atos são rigorosamente indissociáveis.” Ser um autor não seria só ser um artista com uma assinatura, mas ter uma política, adotar um ponto de vista.

POLITICA NO/PELO CINEMA → PONTO DE VISTA

Vícios que o ensaio acima, estimulou estudos de cinema (**o tabu moral de uma noção particular de representação**), **mas isso seria mais um problema da apropriação acadêmica dessas ideias que do texto em si**. A figura do autor, se a política, foi integrada à cultura corrente (da grande indústria de Hollywood ao mercado médio de filmes de autor) se tornou ideologia, com todos os achaques de uma ideologia, sendo dois dos piores

Crítica à política sobrevive na Universidade. Não foi bem entendida. Valoriza muito o autor e desconsidera a política.

O primeiro livro de Jean-Claude parte de uma tradição francófila e dela faz um bom apanhado, mas para ai.

Defesa da autoria: “Narrativa contra o mundo”, na revista Traffic, 2004, nº 50 – por Tag Gallagher

“o autorismo incomoda aos universitários, por que ele diz respeito à experiência, não à teoria, não a alguma coisa que se possa colocar num manual a não ser por suas manifestações.”

“ Existem tantas definições de autorismo quando de autores”

menos um conjunto de conceitos e critérios (esses são mutáveis, voláteis, relativizáveis) e mais na compreensão do cinema como um modo de expressão com sua próprias mediações e uma semântica própria.

Política dos autores solucionada nas artes: literatura; artes visuais

A política dos autores era a constatação feliz (e sem contradições) do homem triunfando a máquina. Eram autores não por causa de Hollywood, mas apesar de Hollywood.

O domínio brasileiro – anos 50 e 1960. Jean-Claude Bernadet

TRINDADE: PRODUTOR – ESCRITOR – DIRETOR

Recuperar textos de críticos como B. J. Duarte, Antônio Moniz, Silviano Santiago, autores na Revista de Cinema, buscando a palavra autor e como era discutida pelos críticos.

Francisco Luiz de Almeida Sales: estilo e domínio da técnica

Artesãos e autores (1961) – Paulo Emílio critica a relação maniqueísta entre autor e artesão / produtor. Critica a política dos autores e/ou o seu fetichismo pelo cinema de autor: “Leio cada vez menos os jovens pedantes do Cahiers du Cinéma” (...) direitizantes (...) 1963

AUTOR: alguém que define uma concepção de mundo através dos personagens que cria e da história que narrativa

Glauber Rocha – Revisão Crítica – Cinema novo, Cinema moderno. Autor X Indústria

Gustavo Dahl - O diretor (o autor)

Jairo Ferreira, experiência da linguagem

ontologia e indústria do autor.

O autor é uma ficção – Francis Vogner

No Brasil a crítica nunca se preocupou em pensar o autor fora dos parâmetros do Cinema Novo (e seus desdobramentos) ou diretores paralelos como Walter Hugo Khouri ou José Mojica Marins

PRODUTOR – AUTOR: Adhemar Gonzaga, Oswaldo Massaini, Luiz Carlos Barreto (filhos)

FOTOGRAFO - AUTOR: Mário Carneiro e Walter Carvalho.

ATOR - AUTOR: David Cardoso, Renato Aragão e Mazzaropi

Autor hoje: Arthouse

J.C.B ao criticar Gore Vidal fez uma bela frase sobre a quem seria a política dos autores:

“manifestação de um imaginário.”